



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

EDJANE PAULINO DOS SANTOS

**A LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: UM ESTUDO A PARTIR DA
LEITURA E DISCUSSÃO DE CRÔNICAS DE DANIEL MUNDURUKU**

**CAMPINA GRANDE- PB
2023**

EDJANE PAULINO DOS SANTOS

**A LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: UM ESTUDO A PARTIR
DA LEITURA E DISCUSSÃO DE CRÔNICAS DE DANIEL MUNDURUKU**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada do curso de Licenciatura em Letras – Português.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Ana Lucia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S2371 Santos, Edjane Paulino dos.

A literatura indígena na sala de aula [manuscrito] : um estudo a partir da leitura e discussão de crônicas de Daniel Munduruku / Edjane Paulino dos Santos. - 2023.

44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Literatura indígena. 2. Ensino fundamental. 3. Crônica.
4. Povos indígenas. I. Título

21. ed. CDD 372

EDJANE PAULINO DOS SANTOS

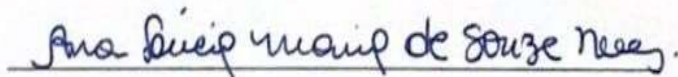
**A LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: UM ESTUDO A PARTIR
DA LEITURA E DISCUSSÃO DE CRÔNICAS DE DANIEL MUNDURUKU**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada do curso de
Licenciatura em Letras – Português.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 26 / 06 / 2023

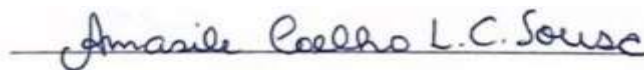
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus do impossível, meus pais e avó falecidos, ao meu pai/avô João de Lina, aos meus irmãos e sobrinhos, as minhas tias e primos, aos amigos que fiz ao longo desse tempo e a minha orientadora Profa. Dr. Ana Lúcia de Souza Neves, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

“Quando nós mostramos o nosso respeito por outros seres vivos, eles respondem com respeito por nós”

(ARAPAHO)

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as representações acerca do indígena em uma turma do nono ano do ensino fundamental e discutir possíveis razões desses povos ainda serem vistos/ descritos de forma preconceituosa e estereotipada. A origem da pesquisa se deu pelo fato de que, apesar dos estudos atuais ressaltarem as contribuições dos povos originários, a escola, muitas vezes, acaba retrocedendo ao passado histórico do Brasil no século XVI para abordar questões/ imagens a respeito desse povo. Partindo dessa problemática, a partir de uma sequência didática baseada nos estudos de Cosson, tivemos como objeto de estudo duas crônicas de Daniel Munduruku (“É índio ou não é índio?” e “O que fazem com os mosquitos?”), nas quais foram analisadas as representações/concepções acerca do indígena. Dessa forma, o presente trabalho pretende contribuir para a desmistificação de estereótipos e preconceitos em relação ao indígena, bem como dar visibilidade à literatura indígena. A metodologia adotada é a pesquisa-ação. Para embasamento da pesquisa, recorreremos aos estudos de Cosson (2006, 2012, 2014, 2016, 2018), Silveira e França (2014), Thiel, (2012), Graúna (2013, 2014), Regino (2003), Soares (2000, 2006), Andrade e Silva (2017) e Daniel Munduruku (2010, 2016).

Palavras-chave: Literatura indígena. Escola. Daniel Munduruku.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representations about indigenous people in a ninth grade elementary school class and discuss possible reasons why these peoples are still seen/described in a prejudiced and stereotyped way. The origin of the research was due to the fact that, despite current studies highlighting the contributions of indigenous peoples, the school often ends up going back to the historical past of Brazil in the 16th century to address questions / images about these people. Departing from this problem, from a didactic sequence based on Cosson's studies, we had as object of study two chronicles by Daniel Munduruku ("Is it an Indian or is it not an Indian?" and "What do they do with mosquitoes?"), in which representations/conceptions about the indigenous were analyzed. In this way, the present work intends to contribute to the demystification of stereotypes and prejudices in relation to the indigenous, as well as to give visibility to indigenous literature. The methodology adopted is action research. To base the research, we resorted to the studies of Cosson (2006, 2012, 2014, 2016, 2018), Silveira and França (2014), Thiel, (2012), Graúna (2013, 2014), Regino (2003), Soares (2000, 2006), Andrade e Silva (2017) e Daniel Munduruku (2010, 2016).

Keywords: Indigenous Literature. School. Daniel Munduruku.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	9
3 DANIEL MUNDURUKU.....	10
4 A LITERATURA INDÍGENA.....	12
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	16
5.1 Diagnóstico.....	16
5.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA: proposta do Letramento literário.....	20
6 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXO 1 – Figuras trabalhadas com os alunos.....	33
ANEXO 3 – Desenhos produzidos pelos alunos.....	39
ANEXO 3 – Sequência didática.....	40
ANEXO 3 – Diagnóstico.....	44

1 INTRODUÇÃO

Os equívocos e preconceitos construídos no decorrer da história brasileira acerca do indígena ainda continuam muito fixos em nossa sociedade, presentes nas escolas brasileiras e nos materiais escolares como o livro didático, módulos, dentre outros. Diante dessa problemática, surgiu o interesse em investigar as concepções acerca do indígena em uma escola pública no município de Arara-PB. Nossa investigação parte de dois questionamentos. Quais as representações que os alunos trazem do indígena? E de que maneira a leitura de textos literários de autoria indígena pode contribuir com a mudança de concepção dos alunos?

O estudo corresponde a uma pesquisa-ação, do tipo interventivo, com abordagem qualitativa e participativa. Como instrumentos de estudos foram utilizados: um diagnóstico, por meio do qual foram identificadas as representações/concepções que os alunos apresentam acerca do indígena e duas crônicas de Daniel Munduruku (“É índio ou não é índio?” e “O que fazem com os mosquitos?”) seguidas de uma sequência didática baseada na proposta de Cosson.

O lócus da pesquisa foi a escola Luzia Laudelino, localizada na cidade de Arara- PB. Participaram da pesquisa os alunos do 9º ano, turma “A” do turno manhã. A pesquisa encontra-se respaldada metodologicamente em Cosson (2012), Silveira e França (2014), Graúna (2013), Regino (2003), Soares (2006), Munduruku e em documentos legais que tratam da educação indígena, dentre estes: A LDB, os PCN e o PNBE.

O estudo está dividido em três sessões. Primeiramente, realizamos uma breve apresentação do autor Daniel Munduruku. Em seguida, discutimos acerca do letramento literário e da literatura indígena. No tópico seguinte, partimos para a análise do diagnóstico e da sequência didática desenvolvida em sala de aula. Ao final, apresentamos os resultados.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste tópico apresentamos a natureza da pesquisa, o percurso metodológico utilizado, bem como o ambiente de investigação e os sujeitos que colaboraram.

Essa pesquisa é de ação interventiva. Ação por investigar e analisar a forma que o indígena ainda é visto nos dias de hoje por alunos do ensino fundamental. Interventiva devido ao fato de formular ações transformadoras da situação, tendo como ponto de partida a análise e interpretação dialética da realidade. Pretendemos por meio de um diagnóstico observar e analisar as representações dos alunos em relação aos indígenas, objetivando buscar subsídios para análise e reflexão das visões representadas em estudos. A abordagem da pesquisa utilizada é de caráter qualitativo e participativo, já que nosso intuito não é o de quantificar dados, mas de produzir novas visões/ abordagens sobre a situação encontrada.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, localizada na cidade de Arara- PB, que atende ao total de 483 alunos, sendo todos do ensino fundamental. A escola municipal Luzia Laudelino por muito tempo dividiu o mesmo prédio com outra escola, mas esse ano foi contemplada com uma nova sede. A escola conta com sala de aula, biblioteca, sala de informática e secretaria. O público estudantil é formado, em sua maioria, por adolescentes e jovens residentes próximos à escola, porém há estudantes que residem na zona rural. Com isto, muitos estudantes utilizam transporte escolar público para se deslocarem até a escola. A escola conta com 30 professores, sendo 19 efetivos e 11 não efetivos, com jornada total ou parcial na unidade, e com a equipe gestora, diretora, vice-diretora, coordenadora e secretária.

Para investigar os processos relacionados às questões das representações acerca do indígena, optou-se por uma das turmas do ensino fundamental, o 9º ano, turma “A”, do turno da manhã. A turma é composta por 27 alunos. A escolha por essa turma foi intencional, devido ao fato de ser o último ano do ensino fundamental anos finais e os alunos mostrarem interesse por novas descobertas. Eram participativos, comportados e demonstraram interesse pela literatura indígena, mesmo tendo declarado que nunca tinham lido.

Para nossos estudos e coletas de dados, utilizamos um diagnóstico por meio de um questionamento sobre a representação do indígena, estudamos duas crônicas de Daniel Munduku (“É índio ou não é índio?” e “O que fazem com os mosquitos?”) presentes no livro *História de Índio* (1996) e desenvolvemos uma sequência básica respaldada nos estudos de Cosson.

3 DANIEL MUNDURUKU



Fonte: <https://www.elfikurten.com.br/2021/11/daniel-munduruku.html>

Daniel Munduruku (Daniel Monteiro da Costa) nasceu em Belém, no dia 28 de fevereiro de 1964 e tornou-se uma referência da atualidade em relação às discussões sobre a visibilidade da cultura indígena. É um dos escritores importantes da literatura indígena destinada, principalmente, para crianças e jovens.

Com mais de 50 livros publicados no Brasil e no exterior, a grande maioria dessas obras tem como foco apresentar os costumes e as tradições da cultura indígena Munduruku, desconstruindo estereótipos e representações cristalizadas desde a carta de Pero Vaz de Caminha, no século XVI. Para o autor, escrever sobre sua ancestralidade e narrar histórias que ouviu de seus antepassados foram as maneiras que encontrou de fazer política e de ajudar o Brasil a reconhecer-se sem ser por meios de narrativas hegemônicas.

Daniel Munduruku é graduado em filosofia, história e psicologia. Tem Mestrado em Antropologia Social pela USP - Universidade de São Paulo, Doutorado em Educação também pela USP e Pós-Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

É membro da Academia de Letras de Lorena. Recebeu diversos prêmios literários. Entre os prêmios destacamos, a honraria na categoria da Grã-Cruz, em 2013, a mais

importante honraria oficial a um cidadão brasileiro na área da cultura e em 2017 o Prêmio Jabuti na categoria Juvenil. A atuação de Daniel Munduruku não se limita à farta bibliografia publicada, a uma renomada carreira acadêmica e nem aos inúmeros prêmios recebidos, recentemente foi convidado para atuar em uma novela das 21h do dramaturgo Walcyr Carrasco, da emissora de televisão Globo. Deste modo, um representante dos povos originários está presente em diferentes espaços e atua em atividades sociais e culturais diversas.

4 A LITERATURA INDÍGENA

Antes de falarmos desse tema, é importante ressaltarmos a diferença entre a literatura indígena e a literatura indianista, uma vez que ainda há muita confusão entre esses termos. Para Silveira e França (2014), embora as duas expressões sejam comumente utilizadas em referência aos povos originários, cada uma traz uma visão diferente em relação aos autóctones e por isso não devem ser confundidas entre si. O estudioso Janice Thiël diz que devemos pensar na literatura indígena brasileira a partir de três períodos:

O termo Indianista se refere à produção literária brasileira do período romântico, voltado para construção de uma identidade nacional. Os autores das obras indianistas não são índios. Obras como *O Guarani* e *Iracema*, de José de Alencar, pertencem a essa categoria.

A obra indigenista é produzida a partir de uma perspectiva ocidental e escrita ou traduzida pelo não índio. Para seu autor, o mundo indígena é o tema e o índio é informante, mas não agente da narrativa.

A produção indigenista visa a informar não índios sobre um homem e um universo que lhes são alheios. A produção Indígena é, segundo José Carlos Mariátegui, aquela realizada pelos próprios índios conforme os meios e códigos que lhes são peculiares (THIËL, 2012, p. 44-46).

Logo, a literatura indianista diz respeito à produção literária produzida a partir do olhar do não indígena, do branco/colonizador. Regino (2003) vai dizer que a literatura indianista surge através do movimento de independência nacional, bem como pela busca de um representante heroico nacional. Esse tipo de literatura ocupou por muito tempo um pretensível lugar de literatura indígena. Neste tipo de narrativa, o indígena é descrito como um “bom selvagem”, como um herói nacional, valente, nobre, livre das corrupções sociais dos vários vícios da civilização branca. Os exemplos clássicos são as obras de Gonçalves Dias, José de Alencar, José Basílio da Gama etc.

Assim, a imagem dos povos originários revelada pela lente do não indígena contribuiu para a consagração de estereótipos e preconceitos propagados e reproduzidos até hoje. De acordo com os autores Andrade e Silva (2017):

[...] às imagens do que vem sendo na maioria dos casos veiculadas pela mídia: um índio genérico, ou seja, sem estar vinculado a um povo indígena. Ou ainda com um biótipo de indivíduos habitantes na Região Amazônica e no Xingu. Com cabelos lisos, muitas pinturas corporais e adereços de penas, nus, moradores das florestas, portadores de culturas exóticas, etc. Ou também os diversos povos indígenas são chamados de “tribos”, visão do Século XIX a partir da perspectiva etnocêntrica e evolucionista de uma suposta hierarquia de raças, onde os índios como primitivos, atrasados ocupariam obviamente o último nível na escala chamada em direção a uma chamada “civilização”. Ou ainda imortalizados pela literatura romântica do Século XIX, como nos livros de José de Alencar, onde são

apresentados índios belos e ingênuos, ou valentes guerreiros e ameaçadores canibais, ou seja, bárbaros, bons selvagens ou heróis. (ANDRADE E SILVA, 2017, p. 76).

Ao contrário dessas representações estereotipadas, a literatura indígena refere-se ao lugar de fala do indígena, são textos criados e ilustrados pelo próprio indígena, os quais trazem uma produção rica, fruto da junção da oralidade e da escrita, de práticas culturais ancestrais e diversas. Apresenta uma literalidade um pouco distante das normas dos textos canônicos, mas não abandonam sua importância, uma vez que traz o próprio indígena falando sobre sua realidade, seu povo, sentimentos, suas lutas, seus ganhos e suas perdas, sejam elas vivenciadas em espaços rurais ou urbanos, sejam de autoria individual ou coletiva, e em sua maioria trilha esse caminho a partir de resíduos das histórias e saberes dos avós, anciões e conhecedores da história local. Conforme referencia a estudiosa Graça Graúna (2013), a literatura indígena atual:

[...] é um lugar de sobrevivência, uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Logo, falar da literatura indígena na atualidade implica falar de uma literatura ainda nova e pouco conhecida, como bem enfatiza Graúna (2014), ao dizer que a literatura indígena faz parte de um mundo na sociedade, porém funestamente, muitos desconhecem. Esse tipo de literatura surge entre o final dos anos 70 e início dos anos 80, através do movimento indígena pela busca de garantia de seus direitos. Esse movimento foi a alavanca para que grandes nomes de escritores indígenas, como o de Daniel Munduruku, Graça Graúna, Eliane Potiguara, Kaká Werá, Jecupé, dentre outros, se lançassem no mercado literário em busca do reconhecimento de sua cultura. Nisto, a literatura dos indígenas começa a ganhar força nos anos 80, devido à falta de material didáticos e paradidáticos presente nas escolas indígenas que tratassem da cultura e da realidade desse povo.

Para as estudiosas França e Silveira (2014) as aldeias foram o embrião para a produção literária indígena. Assim os resíduos dos indígenas, bem como lendas, mitos, cânticos, costumes e crenças além de ganharem espaços nos livros didáticos, também alcançaram outros tipos de tipologias textuais, como os textos informativos e contos.

Durante muito tempo e ainda nos dias de hoje, a temática indígena foi e ainda é pouco ou quase nada explorada nas escolas. Contudo, a difusão e a visibilidade dessa cultura no contexto escolar tanto público como particular é determinada por meio da Lei 11645, de 2008,

através da alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, a qual incluiu obrigatoriamente o estudo da cultura indígena em todo o currículo escolar, especialmente nas disciplinas de História, Artes e Literatura. Ademais, Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) mostram em seu preâmbulo a importância de se trabalhar e valorizar esse tema, procurando sempre superar as várias formas de exclusão e discriminação existentes. O próprio documento reconhece que:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica das relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer O Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997, p.16).

Diante disto, consideramos esses documentos importantes, uma vez que orienta os sistemas educacionais a garantir um currículo diferenciado, oferecendo um ensino intercultural. Contudo, observamos que a execução da política escolar referente à educação indígena não vem se mostrando na prática muito eficaz. Colaborando com o mesmo pensamento Silva (2016) diz que:

Embora a determinação legal possa contribuir para que ações institucionais sejam efetivas e para que a temática afro-brasileira e indígena ganhe maior visibilidade nas escolas, ela não transforma as práticas de forma imediata... é plausível concluir que a implementação da Lei, embora seja dever do Estado, é também responsabilidade da sociedade como um todo que precisa se mobilizar para cobrar as condições efetivas de sua materialização. (SILVA, 2016, p. 106- 107).

Infelizmente, isto acaba resultando em um histórico escolar e cultural no qual, por vezes, só faz alusão aos povos indígenas como inferiores, como pessoas com menor autonomia e, conseqüentemente, menos capazes que o restante da sociedade brasileira. Logo Andrade e Silva (2017) acrescentam que:

[...] O primeiro desafio é repensar a ideia de escola, abandonando o conceito tradicional de espaço de reprodução de conhecimento e percebendo como possibilidade de compartilhamento de saberes e de respeito à diversidade. A escola deve ser um território dos direitos humanos contra hegemônicos, um lugar que as diferenças são respeitadas e as mais desigualdades são combatidas. (ANDRADE E SILVA, 2017, p. 93).

Para que a escola atue como esse espaço de compartilhamento de saberes, é preciso que os diferentes grupos sociais da sociedade estejam presentes na escola a partir das produções literárias atuais. Nesse sentido, sabemos que o Programa Nacional de Biblioteca Escolar –

PNBE teve como objetivo atender às bibliotecas das escolas da rede pública de ensino, prevendo a disponibilização de obras de referência, abordando as temáticas da diversidade, inclusão e cidadania. Esse programa permitiu a divulgação e visibilidade da literatura indígena, contudo o programa não é abastecido de novas obras desde 2014, e poucos são os livros disponibilizados de autoria indígena. Silveira e Bonin (2012) dizem que:

É importante registrar que a literatura não é a única via a partir da qual os estudantes brasileiros tomam contato com a temática indígena e com personagens índios. Além dos livros didáticos de História, que tradicionalmente apresentam os povos indígenas inseridos na historiografia oficial brasileira, são inúmeras as produções culturais que chegam aos estudantes – filmes, documentários, desenhos animados, programas de TV, exposições fotográficas, revistas, peças publicitárias, histórias em quadrinhos são algumas dessas produções que exibem personagens e cenas da vida indígena. (SILVEIRA, BONIN, 2012, p. 330).

Não obstante, é imprescindível trazer a literatura indígena para o debate social e, principalmente escolar, uma vez que a história dos povos indígenas antecede à própria história do Brasil, portanto não pode ser menosprezada, já que ela é um dos, senão o maior meio de representação, valorização e preservação da língua e cultura do povo nativo. Como bem acrescenta o professor Édson Kaiapó, em um trecho gravado para o canal do Daniel Munduruku, no YouTube.

A literatura indígena tem hoje um papel fundamental no diálogo com essa constituição cidadã no sentido de pensar na construção de outros instrumentos, por exemplo, de educação. Os livros produzidos pelas editoras brasileiras e pelos não índios não servem para o nosso povo porque ela está totalmente desalinhada com nosso jeito de ser. O que serve então para formar, do ponto de vista do material didático, para a formação dos nossos povos? Obviamente que é uma produção que quem tem autoridade e legitimidade para fazer produzir serão os nossos próprios escritores indígenas. Então penso que nesse sentido a uma afinidade muito grande entre a literatura indígena e a formação do guerreiro indígena, essa é uma perspectiva, mas existe uma outra perspectiva que é muito interessante que é de pensar que a literatura indígena também é um instrumento de produção de material para formação do não índio em relação a história e cultura indígena, afinal de contas é necessário que a sociedade brasileira tenha bastante clareza do que que é isso que eles estão apelidando de índio[...].a literatura indígena certamente tem e terá essa função de informar a sociedade brasileira sobre esse jeito de ser e essa diversidade indígena, essa riqueza grande. (PROFESSOR¹..., 2015, 1'03)".

Desta maneira, enfatizamos que a Literatura indígena brasileira tem revelado cultura (s) duradoura (s), viva (s), criadora (s), e que vem sendo escrita e reescrita por gerações. Além de serem nossos antepassados, eles estão no nosso presente. Os indígenas continuam aqui, são parte da sociedade brasileira e, por isso, devem ser respeitados.¹

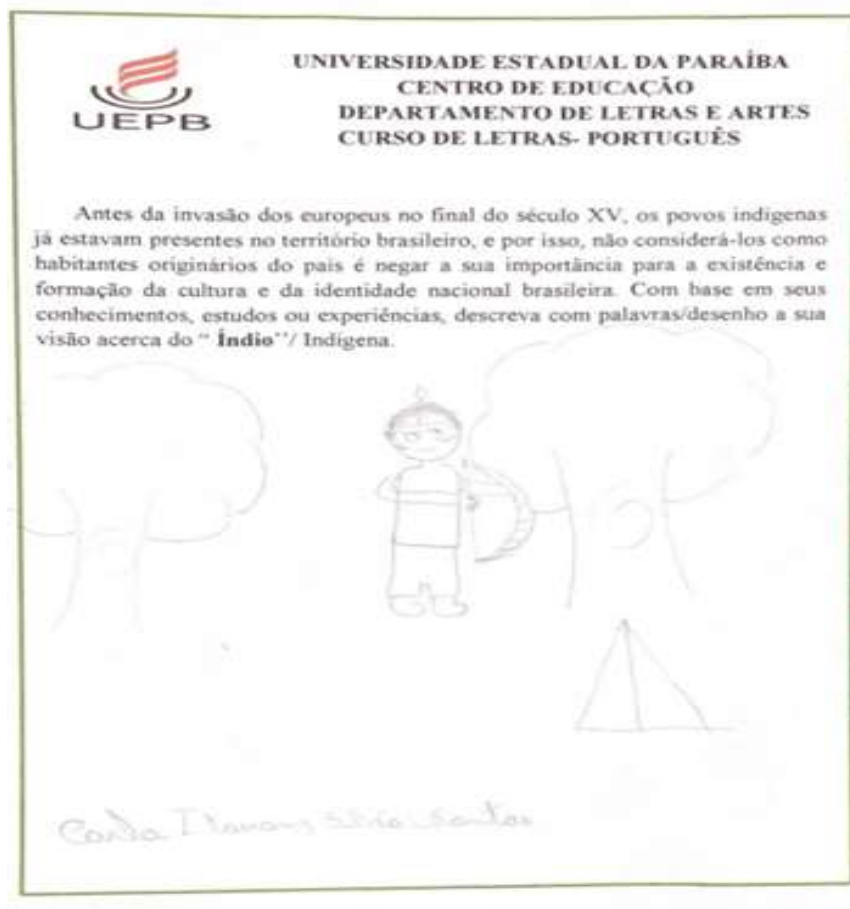
¹. PROFESSOR Edson Kayapó e a importância da Literatura Indígena. Daniel Munduruku. YouTube. 2015. 4min27s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sIQ5KFhF2dU&t=137s> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Diagnóstico

Antes de trabalharmos com os alunos do 9º ano acerca da literatura indígena, planejamos identificar quais as representações que eles apresentam acerca dos povos originários. Para tanto, elaboramos e aplicamos uma proposta de atividade por meio da qual eles escreveriam ou fariam desenhos sobre o que eles conhecem acerca dos povos indígenas brasileiros.

O diagnóstico foi crucial para a definição e elaboração das próximas aulas e posteriormente da sequência básica. Antes da aplicação da atividade apresentada a seguir, fez-se necessário um primeiro contato com os alunos no qual ocorreu a apresentação da mediadora e dos alunos. Feito isso, aplicou-se o diagnóstico, no qual os alunos foram instigados a apresentarem sua visão a respeito do indígena. Para isto, foram dadas possibilidades diferentes de representação: Eles poderiam desenhar e/ou escrever. A maioria dos alunos escolheu o desenho.



Em síntese, no que diz respeito aos processos que envolveram a pesquisa, notamos o envolvimento e a participação dos alunos em tudo que foi proposto. Segundo José Bessa Freire (2002) existe cinco ideias equivocadas sobre o indígena. A primeira é de que o indígena é genérico, ou seja, são povos que possui uma etnia única e que compartilham uma mesma cultura, crenças, saberes e língua, ou seja, que indígena é “tudo igual”, e isso não é verdade, uma vez que no Brasil existem vários povos indígenas com culturas e línguas diferentes, povos formados por diferentes etnias e que, atualmente, no Brasil, de acordo como senso de 2010 passam de 800 mil. A segunda é a de considerar a cultura indígena como atrasada, sendo que é a vasta a produção dos indígenas, no que diz respeito à ciência, poesia, música, arte refinada e literatura. A terceira é de que o verdadeiro indígena é aquele sujeito que vive no meio da floresta, nu ou de tanga, com arco e flecha. Se o indígena não se enquadrar nessa representação, logo ele não é indígena “autentico” como descrito na carta de Caminha. A quarta ideia é a do indígena como indivíduo pertencente ao passado e, por isso, não deve ser incluído na dinâmica da vida moderna.

Por última, é o de o brasileiro não considerar-se indígena, sendo que a formação da identidade brasileira também se deu pela miscigenação dessa raça. É de saber que no imaginário da sociedade contemporânea brasileira existem inúmeras ideias equivocadas acerca dos povos indígenas que foram historicamente propagadas com a chegada dos portugueses e europeus e que, infelizmente, ainda hoje definem de forma quase absoluta a identidade do indígena.

Desta forma, observar-se que as imagens representadas pelos alunos para fazer alusão ao nativo vão dialogar com as ideias equivocadas, conforme afirma Freire Bessa (2002). Cada aluno apresentou uma produção verbal ou visual em referência ao nativo, mas nenhum trouxe uma visão diferente, pelo contrário o que temos são visões/ilustrações semelhantes, na qual o indígena aparece em todas as descrições em condição de inferioridade, privado da inserção nos espaço urbanísticos, do convívio das pessoas e da tecnologia que não dispõe dos mesmos direitos que uma pessoa não indígena dispõe. Vejamos algumas representações:

Fig.1

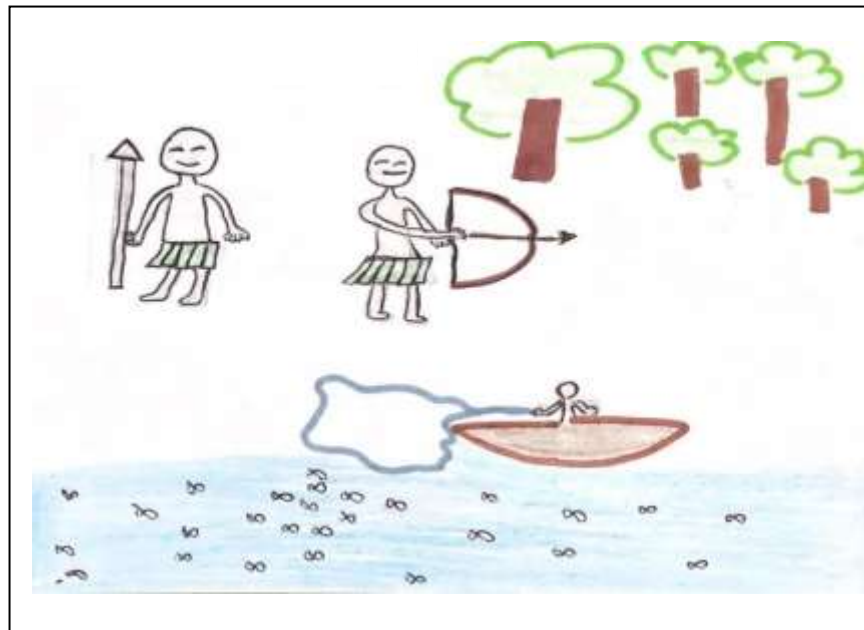


Fig. 2



Fig. 3

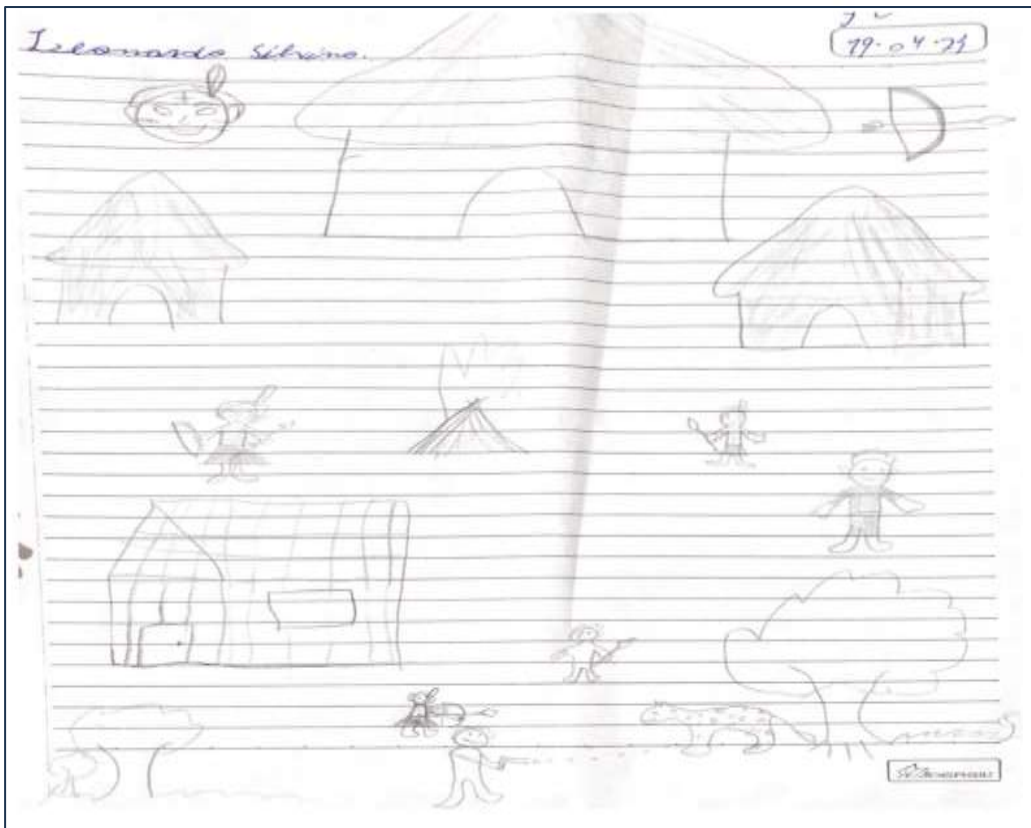


Fig. 4

Como podemos perceber tanto na imagem 1 como na imagem 2 e 3, temos a idealização do indígena, um ser primitivo e isolado da sociedade, vivendo apenas na natureza, usando arcos e flechas, o corpo seminu e pintado, morando em ocas, sobrevivendo da pesca, usando saias e penas como adereços etc. As representações mais repetitivas foram a do indígena seminu e pintado usando arcos e flechas, isto porque os alunos enxergavam o nativo como um indivíduo genérico, contudo essas imagens vão seguir um estereótipo semelhante aos retratos do período colonial e com os descritos de Pero Vaz de Caminha, diante disso Freire (2002) ressalta que essa forma de representação é um equívoco, porque a imagem do indígena acaba ficando congelada no tempo e no espaço até os dias de hoje. Sendo assim, para Silva (1988), é importante compreender as outras culturas, conhecer os seus pontos de vista e aprender a ver o mundo com os olhos daqueles que vivem em outras sociedades e com outras culturas.

Uma possível explicação para esta visão dos alunos é dada por Daniel Munduruku em uma entrevista à revista *Convidado Especial*. Segundo o estudioso e escritor indígena, nas escolas brasileiras o mês de abril tem como foco o indígena, mas não se preocupando em mostrar a real importância dos povos originários para a história do país, mas a partir de uma perspectiva folclórica e legendária.

Infelizmente é esta a realidade de muitas escolas da rede regular de ensino, da nossa região, principalmente, nas etapas do ensino infantil e na dos anos iniciais do ensino fundamental que só discorrem sobre esta temática no dia 19 de abril, dia que faz referência ao indígena, mas de uma maneira muito superficial, reforçando preconceitos e estereótipos. Enfeitam as crianças, pintam seus rostos, confeccionam penas de cartolina para usarem nas cabeças e fazerem menção ao indígena, logo esse ensino contribui para propagar nas crianças ideias equivocadas a respeito do nativo brasileiro.

Possivelmente, foi o que aconteceu com esses alunos que durante a formação escolar viram o indígena ser representado de forma preconceituosa, embasada na visão eurocêntrica do século XVI presente ainda hoje em muitos livros didáticos e paradidáticos. Diante disso, a partir da visão estereotipada e preconceituosa demonstrada pela maioria dos alunos, elaboramos uma sequência didática com base na proposta do letramento literário de Cosson.

5.2 A sequência básica: proposta do Letramento literário

Ressaltamos que para a realização da Sequência Básica foram necessárias cinco aulas, distribuídas em três encontros. No primeiro encontro trabalhamos a aplicação da atividade

diagnóstica, descrita anteriormente. No segundo encontro realizamos a primeira etapa da sequência, denominada “Motivação”, na qual instigamos o interesse do aluno acerca da temática em estudo, e a segunda etapa, que corresponde a “Introdução”, momento onde apresentamos o autor e os textos a serem estudados. Já no terceiro encontro desenvolvemos a terceira etapa, “Leitura” e a quarta e última etapa: “Interpretação”. Os encontros ocorreram sempre nas terças-feiras, nos primeiros horários das 7h às 8h20.

Por ser ainda muito recente na língua portuguesa, o vocábulo Letramento vem gerando muitas discussões com relação a sua função. De acordo com Soares (2006), a palavra Letramento começa ser usada pelos especialistas das áreas de linguística e educação a partir da segunda metade dos anos 1980. O termo é uma tradução para o português da palavra inglesa “Literacy” que significa: condição de ser letrado/ aquele que domina a leitura e a escrita. Reafirmando essa síntese Soares (2004) diz que “literacy” é o estado ou condição que assume aquele que aprendi a ler e a escrever. Contudo, há diferentes tipos e níveis de Letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural (SOARES, 2004 p. 48).

O letramento literário faz parte desse plural dos letramentos. Contudo, esse tipo de Letramento apresenta uma singularidade com os demais Letramentos, devida sua relação diferenciada com a literatura. Não existe uma definição única e absoluta para o termo Letramento, pois esse vocábulo desde o seu surgimento já apresenta significados diversos.

Para tanto, o letramento literário, segundo Cosson (2006), é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Assim sendo, é por meio dos textos literários que o indivíduo se adentra no universo da escrita. Conseqüentemente, o letramento literário não se restringe apenas as habilidades de leitura direcionada aos textos literários, mas na construção de uma comunidade de leitores através da literatura e seus clássicos.

Para Cosson (2018), o Letramento literário consiste em escolarizar a literatura, ou seja, trazer a literatura para o espaço escolar de forma que desenvolva no alunohabilidades e competências leitoras. É necessário que o texto literário seja lido, discutido, contextualizado. Dessa forma, é visível a relevância que o letramento literário tem para formação escolar.

Rildo Cosson apresenta em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2016) duas sequências para o trabalho do letramento literário no ambiente escolar, são elas; a Sequência básica e a Sequência expandida. A sequência básica deve seguir quatro etapas; motivação introdução, leitura e interpretação. Já a sequência expandida é a extensão da sequência básica, ou seja, além dos quatro passos da sequência básica também vai possuir na sua estrutura mais cinco passos; 1º interpretação, contextualização, 2º interpretação, expansão e

experiência reveladora.

Com base no texto de Cosson, o presente trabalho tem o objetivo de esquematizar uma sequência básica a partir das crônicas “É índio ou não é índio” / “O que fazer com os mosquitos” de Daniel Munduruku.

Conforme mencionado anteriormente, as crônicas escolhidas para trabalhar em sala de aula, são textos publicados em 2016, no livro *Histórias de índio*, no qual o autor indígena relata experiências vividas, tanto no dia a dia, tanto na vida acadêmica quando chega para morar na cidade de São Paulo.

Em conformidade com o primeiro passo da sequência básica proposta por Cosson, iniciou-se pela prática de motivação. Para isto, como objetivo prioritário tomou-se a abordagem da temática, o que é um (o) indígena. A crítica de Daniel Munduruku é muito relevante para apontar os estereótipos apresentados pelas pessoas; cabelos lisos, maçãs do rosto muito saliente, moram na floresta, carregam arcos e flechas, caçam, pescam etc. Para a nossa aula o que importava era chamar atenção dos alunos para essas visões, no qual eles pudessem desenvolver o senso crítico, tendo em vista que essa questão é muito relevante na obra de Daniel Munduruku. De acordo com o estudioso Cosson, a atividade motivadora deve promover discussões, levando em consideração sempre as intervenções e interpretações dos alunos. Para o início da atividade foram apresentadas aos alunos diferentes imagens de indígenas nos dias atuais desempenhando diferentes atividades: lendo, viajando, sendo tiktokers, trabalhando na zona urbana e também na floresta, estudando, ensinando etc.

Em seguida, realizamos uma discussão informal norteada pelos seguintes questionamentos; Qual relação pode existir entre as imagens? De onde acham que as imagens são? Vocês já viram um indígena? O que as imagens despertam em vocês?

Os alunos demonstraram envolvimento na discussão e participaram ativamente, revelando surpresa em relação às imagens dos indígenas em espaços diversos. Debatidas as ideias e finalizada a etapa da motivação, passou-se para etapa posterior: A introdução. Então norteados pelas afirmações de Cosson (2014) sobre as atividades de introdução, os alunos foram levados a conhecer mais sobre o autor das crônicas que iríamos ler.

Primeiramente, foi apresentado o livro “Histórias de Índio“, o livro “circulou” por toda a sala, assim todos os alunos puderam admirá-lo, tocá-lo, senti-lo e vê-lo, após isto se questionou sobre qual o tipo de história eles achavam que irão ler, quais personagens eles achavam que irão encontrar e qual a relação que as imagens anteriormente mostradas poderiam ter com o livro.

Depois da discussão, partimos para a apresentação do autor. Nesse momento também

indagamos sobre se já tinham conhecimento do autor, se já ouviram falar do autor em alguma rede social, na sala de aula ou se já leram alguma obra. Em seguida, prosseguimos para a terceira etapa da sequência básica: A leitura.

Nesta etapa, apresentamos aos alunos as duas crônicas do autor “É índio ou não é Índio” e “O que fazer com os mosquitos?” antes de iniciarmos a leitura, foi realizada uma breve apresentação sobre o gênero crônica. Foi explicado que a crônica explora fatos/acontecimentos da vida cotidiana, de modo leve e crítico. Com base em Candido (2003, p.88), no texto “A vida ao rés do chão”, a crônica é filha do jornal diário (daí a expressão rés-do-chão”) e aparenta ser conversa frouxa com o leitor, mas “sempre ajudando a estabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”.

Assim sendo, eles iriam ler relatos de experiência que o autor indígena Daniel Munduruku viveu em determinado momento de sua vida, mais especificamente quando chegou para morar e trabalhar na cidade de São Paulo.

A primeira crônica trabalhada com os alunos foi a “É índio ou não é Índio”. A crônica retrata uma situação que Munduruku vivenciou assim que chegou a São Paulo. Ele relata que durante um passeio de metrô pela cidade ouve a conversa de duas senhoras, as quais questionam sobre a sua identidade de indígena, e para firmar seus questionamentos e estabelecer sua identificação elas recorrem a vários conceitos estereotipados.

A primeira leitura da crônica foi silenciosa, já a segunda foi coletiva. Após as leituras, os alunos foram levados a refletirem e a desenvolverem o senso crítico por meio de perguntas, como por exemplo; Se gostaram da história? Se a conversa das duas mulheres incomodou o narrador-personagem? O que eles teriam feito no lugar do narrador, diante da dúvida das mulheres se ele era índio ou não?

Concluído esse momento, apresentou-se a segunda crônica “O que fazer com os mosquitos?”. Nesta crônica Munduruku relata que durante o magistério algumas situações envolvendo os seus colegas de trabalho acerca do indígena o constrangia. Um exemplo que ele traz é que certa vez, enquanto cumpri o horário escolar na sala dos professores um de seus colegas traz para discussão a temática do indígena e uma professora questiona respeito do que os indígenas fazem com os mosquitos. Essa indagação causa muita risada na sala e comentários como; fazem fumaça. Essa situação deixou o autor muito irritado fazendo com que ele compactuasse de falsos conceitos a cerca do indígena ao responder que os indígenas comem os mosquitos.

A metodologia usada foi à mesma da primeira crônica trabalhada. A primeira leitura da crônica também foi silenciosa e a segunda leitura foi coletiva.

Ao final, os alunos também foram levados a refletirem e a desenvolverem o senso crítico por meios de perguntas como, por exemplo; Quando o assunto era o indígena, quais as informações que as pessoas apresentavam? Por que o narrador ficava constantemente constrangido? O que eles pensam a respeito disso? Por que o narrador zangou-se ao ser questionando sobre o que os índios fazem com os mosquitos? Como eles responderiam à pergunta feita pela professora na crônica O que fazer com os mosquitos?.

Desta maneira, tanto na primeira crônica como na segunda cada aluno teve a oportunidade de refletir e discutir sobre o que entendeu acerca das ideias presentes nos dois textos, dando início a última etapa da sequência básica: a interpretação. Nesse momento, chamamos a atenção para passagens das crônicas a fim de revisar e discutir com os educandos algumas críticas que as crônicas apontavam que indicavam posições estereotipadas e preconceituosas das personagens em relação aos indígenas. Vejamos algumas dessas passagens:

- ✓ Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio.
- ✓ Viu que ele usa calça jeans?
- ✓ Você viu que ele usa relógio? Afinal, o que um índio estaria fazendo andando de metrô?
- ✓ Índio de verdade mora na floresta, carrega arco, flecha, caça, pesca, planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma...
- ✓ Deve ser muito bom ser índio, mas uma coisa me intriga: o que os índios fazem com os mosquitos?
- ✓ Fazem fumaça.

Assim, o objetivo da atividade realizada era a de que os alunos analisassem as visões das personagens com relação ao indígena e repensassem as próprias representações.

Em seguida, propusemos uma atividade escrita. Através da produção de tirinhas, os alunos iriam criar situações envolvendo o indígena nos dias atuais. Contudo, antes de iniciar a atividade, elaboramos um roteiro explicativo para ajudar na produção. Primeiro explicamos o gênero textual “tirinhas” e depois apresentamos um passo a passo de como produzi-lo. A atividade objetivava perceber possíveis mudanças na forma de ver dos alunos em relação ao indígena. Vejamos o roteiro entregue aos alunos:

Através de quadrinhos, crie situações envolvendo o indígena nos dias atuais. Para ajudar na produção, segue abaixo um roteiro explicativo.

O que são Tirinha

As tirinhas são um gênero textual que se caracteriza pelas histórias curtas, geralmente formadas por três ou quatro quadrinhos. Usualmente fazendo uso do humor, as tirinhas podem apenas contar uma história mas, por vezes, têm propósitos adicionais, como a crítica social, por exemplo. Aliando o visual ao verbal, as tirinhas trazem as falas em balões ou em onomatopeias.

Como fazer uma tirinha

- 1- Construa um título, ou seja o nome da história.
- 2- Quantidade de quadrinhos que a história vai ter.
 - Cada quadrinho representa uma cena da história.
- 3- O cenário/ onde a história vai acontecer.
 - Pode ser; shopping, escola, cidade, praça etc. Use a imaginação.
- 4- Pense no seu personagem.
 - Os personagens podem ser animais, pessoas, super heróis etc. (no caso de vocês, o personagem será o INDÍGENA). Você pode dar características a esse personagem, ele pode ser alto, magro, baixo, feliz, triste etc.
- 5- Pense nos diálogos (falas) dos personagens.
 - Nesta parte, você pode revisar e corrigir alguns erros que aparecerem.
- 6- Pensar nos balões.
 - Se seu personagem está falando, você usa o balão de fala.
 - Se seu personagem estiver pensando, você vai usar o balão de pensamento, e sucessivamente. Preste atenção para usar o balão correto.
 - Se quiser indicar algum som na sua história, como por exemplo; de um animal, celular etc, use a figura de linguagem onomatopeia.

Roteiro pronto, mão na massa!

Fig. 5

Vejamos algumas tirinhas produzidas pelos alunos:



Fig. 6



Fig.7

Maria Gabriela / 9^o-A



Fig.8



Fig. 9

Nas imagens 4, 5, 6 e 7 vamos ter a desmistificação daquela visão deturpada acerca do indígena, que não são vistos como indivíduos primitivos e estereotipados e passam a fazer parte da sociedade ocupando lugares e posições que lhes são de direitos. Eles podem ser jogador de futebol, pilotos de avião, podem ter carro, celular, morar na cidade, usar vestimentas. Diante disso, é bem pertinente fixar o posicionamento do indígena Weibe Tapeba,² vereador de Caucaia e membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena que diz que o indígena não é só aquele que vive pelado no meio da mata. Toda cultura se transforma, e na cultura indígena isso não é diferente e achar que o indígena é menos ou mais indígena do que o outro porque vive mais isolado, sem contato com o branco é uma visão equivocada, preconceituosa e discriminatória. Dessa forma, os alunos demonstraram entender que os indígenas não ficaram presos no passado, pelo contrário eles estão resistindo, trabalhando, estudando e a presença dos indígenas nos centros urbanos, ocupando espaços universitários e nos ambientes de trabalho onde não estiveram presentes durante muitos anos, é uma das conquistas desses povos.

Não obstante, essa desmistificação só se deu através do contato com a literatura indígena, na qual o nativo faz dela o seu lugar de fala para mostrar a representação de suas entidades e denominações, bem como despertar a atenção do leitor/sociedade para a importância da garantia dos direitos dos povos originários ao território, ao alimento, à saúde, à educação, ao trabalho digno.

²TAPEBA, Weibe. Aprender com os índios, sem reproduzir estereótipos. O povo, 2018.
<https://mais.opovo.com.br/jornal/etc/2018/04/aprender-com-os-indios.html>. Acesso em: 07 de fev. de 2023.

6 CONCLUSÃO

Através deste trabalho em sala de aula a partir das crônicas de Daniel Munduruku, buscamos mostrar a importância da abordagem da literatura indígena na escola, visando três finalidades: 1) Problematizar os estereótipos a respeito do indígena; 2) Conhecer acerca da história da colonização do Brasil pelo viés dos colonizados; 3) Dar visibilidade a produção literária indígena como forma de resistência, preservação e valorização da língua e cultura dos povos originários.

A nosso ver, priorizar o ensino de literatura pautado em obras e autores do cânone literário, contribui bastante para a perpetuação de uma visão de mundo eurocêntrico, atrasada e errônea a respeito do indígena. Foi o que se observou na escola, locus da pesquisa, tanto os alunos da turma alvo de análise como a professora da disciplina de língua portuguesa sequer tinham conhecimento da existência da literatura indígena, o que acarretou para que os alunos apresentassem uma visão ultrapassada acerca do indígena.

Ademais, o trabalho realizado mostrou-se muito importante porque contribuiu para despertar nos alunos o interesse pela leitura da literatura dos indígenas, bem como pelo respeito e reconhecimento social e cultural dos povos indígenas.

Desta forma, a partir da sequência didática proposta por Cosson, podemos constatar o quanto importante foi esse estudo para ruptura dos estereótipos a respeito do indígena que os alunos traziam. Essa experiência também possibilitou confirmar a necessidade de tanto a escola quanto os professores tomarem partido de conhecimento das inúmeras produções indígenas bem como incluí-las no contexto educacional.

Não obstante, o objetivo maior foi cumprido, uma vez que os alunos se desprenderam de uma ótica eurocêntrica, embasados apenas nas histórias contadas pelos livros, além do mais foi dado um passo muito importante na contribuição para o interesse da leitura de produções indígenas, tanto dentro da sala de aula como fora dela.

Entretanto, enfatizamos que o estudo deste tipo de produção literária não se finda neste trabalho, nem nos próximos, pois ela continua e continuará viva para as novas gerações e para quem busca se aprofundar na história do Brasil a partir da perspectiva das pessoas que foram durante séculos silenciadas, escravizadas e invisibilizadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. A.; SILVA, T. A. A. **O ensino da temática indígena: subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígena**; prefácio Edson Silva - Recife: Edições Rascunhos, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Programa Nacional da Biblioteca Escola (PNBE)**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola-apresentação>>. Acesso em 12 out.de 2022

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **educação Infantil**. Brasília: MEC/Secretaria deEducação Básica, 2017.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de etal. Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2a. ed. São Paulo: Contexto,2018.

FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira**. TransInformação, Campinas, jan/abr, 2014.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre o índio**. In: Cenesch:Revistado Centro de Estudos do Comportamento Humano, Manaus, v. 1, 2002.

GRAÚNA, Graça. Literatura: **Diversidade Étnica e outras Questões Indígenas**. RevistaTodas as Musas, núm. 02, 2014.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. BeloHorizonte, Mazza, 2013.

LDB, **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – 2 ed. – Brasília: Senado Federal,Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

MUNDURUKU, Daniel. **Munduracando**. São Paulo: U’ka, editorial 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **História de um índio**; ilustrações Laurabeatriz. 2º ed.São

Paulo:Companhia das letrinhas, 2016.

REGINO, J.G. **Otra parte de nuestra identidad. Guaraguao:** Revista de Cultura Latinoamericana, n.17, 2003.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.
SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica,2006.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitasfacetas. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, jan-abr, n. 25, 2004,

SILVA, A. C. O. (Orgs.). **A temática indígena na sala de aula:** reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008. 2. ed. Recife: Ed. Dos Organizadores, 2016.

SILVA, A.L. **Índios.** São Paulo: Ática, 1988.

SILVEIRA, R. M. H., & Bonin, I. T. (2012). **A temática indígena em livrosselecionadospelo PNBE:** análises e reflexões. *Educação*, 2012.

THIEL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora:** a literatura indígena em destaque. BeloHorizonte: Autêntica Editora, 2012.

ANEXO 1- Imagens Trabalhads com os alunos*Fig.1-* Imagem do autor Daniel Munduruku

Fig.2 - Imagem da capa do livro “História de índio”

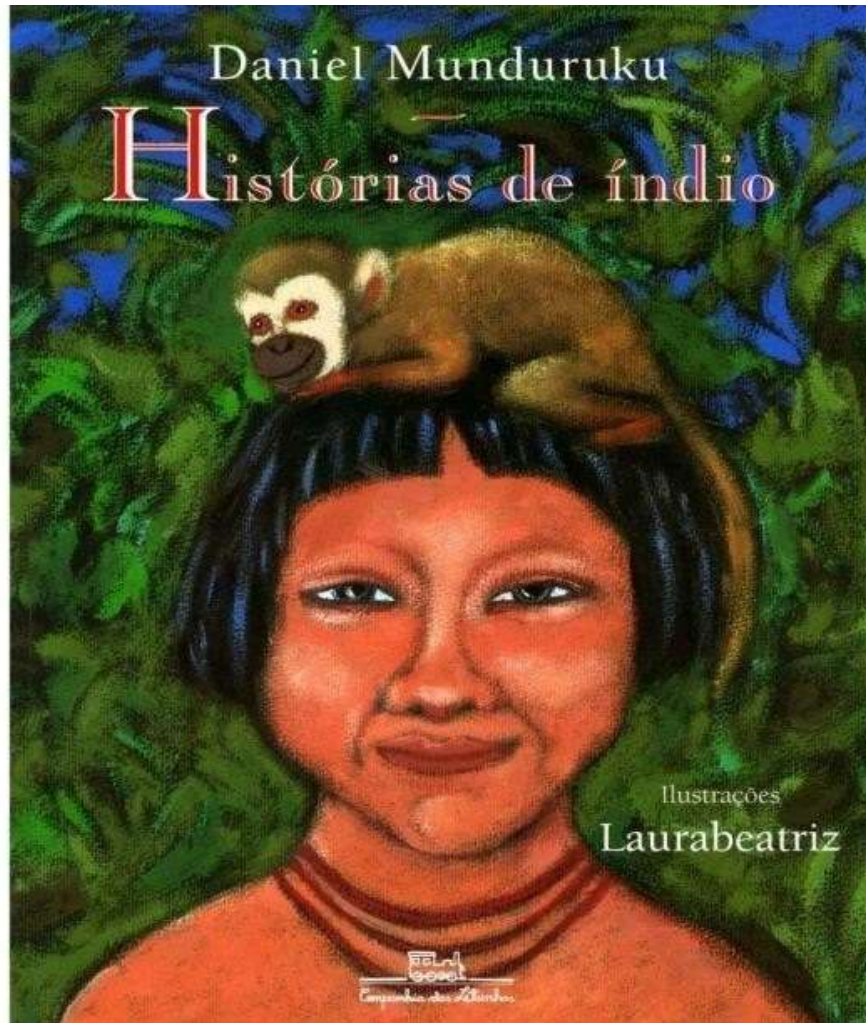


Fig.3 - Imagem de indígenas ocupando diferentes espaços sociais



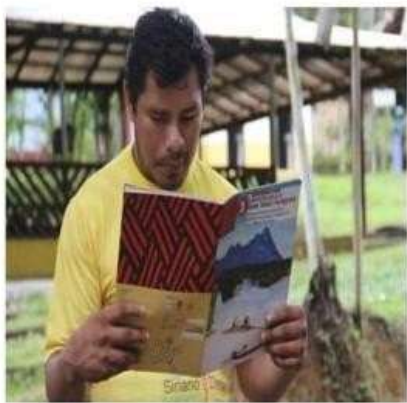


Fig.4 - Imagem da crônica “É índio ou não é índio?”

É índio ou não é índio?	
<p>Daniel Munduruku</p> <p>Certa feita tomei o metrô até a praça da Sé. Eram os primeiros dias que estava em São Paulo e gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. Queria poder ter a certeza de que as pessoas me identificavam como índio a fim formar minha autoimagem.</p> <p>Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas senhoras que me olharam de cima a baixo quando entrei no metrô:</p> <p>- Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio - disse a senhora A.</p> <p>- É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Não viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando de branco. Acho que não é índio de verdade - retrucou a senhora B.</p> <p>- É poder ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim - defendeu-me a senhora A.</p> <p>- Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando para o tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio - argumentou a senhora B.</p> <p>- Mas ele tem o olho puxado - disse a senhora A.</p> <p>- E também usa sapatos e camisa - ironizou a senhora B.</p> <p>- Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios tem rosto desse jeito. Não, ele não nega. Só pode ser um índio, e parece ser dos puros.</p> <p>- Não acredito. Não existem mais índios puros - afirmou cheia de sabedoria, a senhora B. - Afinal, como um índio poderia estar andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arco e flecha, caça, pesca, planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma...</p> <p>- Você viu o colar que ele está usando? Parece que é de dentes. Será que é de dentes de gente?</p> <p>- De repente até é. Ouvi dizer que ainda existem índios que comem gente - disse a senhora B.</p> <p>- Você não disse que achava que ele era índio? E agora parece que você está com medo?</p> <p>- Por via das dúvidas... - O que você acha de falarmos com ele?</p>	<p>- E se ele não gostar? - Paciência... Ao menos nós teremos as informações mais precisas, você não acha?</p> <p>- É, eu acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele.</p> <p>Você pergunta? - Disse a senhora B que, a esta altura, já se mostrava um tanto constrangida.</p> <p>- Eu pergunto. Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando ria com vontade. De repente, senti um leve toque de dedos em meus ombros. Virei-me. Infelizmente, elas demoraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando. Olhei para elas, sorri e disse:</p> <p>- Sim!</p> <p>MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses. São Paulo, Global, 2009.</p>

Fig.5 - Imagem da crônica “ O que fazer com os mosquitos? ”

O que fazer com os mosquitos ?

No magistério, convivendo com pessoas de formações as mais diversas, deparei-me com várias situações em que vim a conhecer as informações que elas têm sobre os povos indígenas.

Surgiram coisas superinteressantes quando o assunto vinha à baila (o que não era incomum). Havia pessoas que engrandeciam a figura do indígena, dizendo ser ele o verdadeiro brasileiro e que os brancos eram culpados pelas barbaridades ocorridas com vários grupos que desapareceram, patati-patatá; outras discordavam, afirmando não compreender por que o indígena não evoluiu (portanto, é atrasado, sem educação e tecnologia) etc. etc. Outras pessoas, ainda, assumiam uma postura intermediária ou preferiam não opinar por conta da própria insegurança, biriri-bororó. Alguns educadores me deixavam sempre constrangido diante de tamanha barbaridade (a meu ver, é claro!), quando faziam citações lapidares. Numa ocasião, estávamos na sala dos professores cumprindo o horário estabelecido pela instituição, éramos quatro, todos trabalhávamos envolvidos em alguma atividade pessoal. De repente, alguém trouxe à tona a temática do indígena. E todos falaram. Uma professora, no canto da sala, de repente soltou esta:

- Deve ser muito bom ser Índio, mas uma coisa me intriga: o que os índios fazem com os mosquitos?
 - Fazem fumaça - respondeu outra.
 - Já estão acostumados- disse a terceira professora.
- Eu, zangado, respondi:
- comem.

As risadas ecoaram pela sala. Em seguida, o assunto morreu.

Esperei que perguntassem mais sobre minha resposta, mas em vão. As professoras voltaram à sua lida.

Fiquei matutando sobre a minha estratégia para fazer as pessoas pensarem sobre qualquer assunto e me dei conta de que tinha sido infeliz ao utilizá-la. Percebi que prestará um desserviço à causa indígena ao deixar que as pessoas acreditassem que o que eu tinha dito era verdade, pois nesse caso, supunha eu era autoridade no momento e, portanto, o que eu falasse era passível de aceitação integral. Arrependi-me.

MUNDURUKU, Daniel. História de um Índio; ilustrações Laurabeatriz. 2° ed. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2016.

ANEXO 2 – Figuras

Figura 1 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 2 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 3 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 4 - Roteiro com proposta de
atividadeFonte: própria autora


Figura 5 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 6 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 7 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

Figura 8 - Desenhos produzidos pelos alunos
do 9º anoFonte: própria autora

ANEXO 3 – Sequência didática

 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS CAMPINA GRANDE CENTRO EDUCAÇÃO - CEDUC DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS</p>	
1º ENCONTRO	Data de realização: 09/05/2023
Professora Orientadora:	Ana Lúcia de Souza Neves
Aluna:	Edjane Paulino dos Santos

PLANEJAMENTO DIDÁTICO

1. **Público-alvo:** 9º ano
2. **Duração do trabalho:** 2 aulas de aproximadamente 45 minutos cada uma.
3. **Objetivos:** Conhecer previamente os conhecimentos/visões que os alunos trazem acerca do que é o indígena atualmente.

4. Descrição das atividades

1º momento: Apresentação da professora aos alunos e também da proposta da aula. Em seguida, será iniciada uma roda de conversa, a fim de propor aos estudantes o primeiro contato com a temática da pesquisa. A partir disso, solicitar que os alunos expressem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas. Realizar a escuta, pois é uma etapa fundamental para que a fala de cada aluno seja respeitada.


Expectativas de aprendizagem: Desenvolver a consciência crítica-reflexiva sobre os povos indígenas.

TEMPO ESTIMADO: 35 minutos.

2º momento: Aplicação do diagnóstico com os alunos, objetivando analisar a maneira de como eles enxergam o indígena. (Anexo A).

TEMPO ESTIMADO: 45 minutos.

Expectativas de aprendizagem: Estimular e desenvolver o conhecimento acerca do indígena.

 UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS CAMPINA GRANDE CENTRO EDUCAÇÃO - CEDUC DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS		
2º ENCONTRO		Data de realização: 16/05/2023
Professora Orientadora:	Ana Lúcia de Souza Neves	
Aluna:	Edjane Paulino dos Santos	

PLANEJAMENTO DIDÁTICO

1. **Público-alvo:** 9º ano
2. **Duração do trabalho:** 2 aulas de 45 minutos cada uma.
3. **Objetivos:**
 - Apresentar a literatura indígena.
 - Incentivar os alunos a refletirem sobre a promoção da valorização, respeito e reconhecimento da cultura indígena e de seus escritores.
 - Desconstruir imagens estereotipadas e preconceituosas acerca do indígena.
 - Despertar nos alunos o gosto pela leitura através de escritos indígenas.
4. **Descrição das atividades**

1º momento: Apresentar diferentes imagens de indígenas nos dias atuais desempenhando diferentes atividades, bem como: lendo, viajando, sendo tiktokers, trabalhando na zona urbana e também na floresta, estudando, ensinando etc. Em seguida, fazer algumas perguntas aos alunos: Qual relação pode existir entre as imagens? De onde eles acham que as imagens são? Vocês já viram um indígena? O que as imagens despertam neles? Vamos observar mais algumas ilustrações? (AnexoA)

Expectativas de aprendizagem: Desenvolver uma compreensão mais profunda e respeitosa dos

povos indígenas, reconhecendo que eles devem usufruir os mesmos direitos de uma pessoa não indígena.

TEMPO ESTIMADO: 20 minutos.

2º momento: Apresentar a foto da capa do livro “Histórias de Índio” (imagem 1) e mostrar uma fotografia de Daniel Munduruku (imagem 2), em seguida perguntar aos alunos se conhecem ou se já ouviram falar do autor em alguma rede social, se já leram alguma obra. Após isto, apresentar o autor e finalizar perguntando que tipo de história eles imaginam que irão ler, quais personagens eles acham que irão ter e o que as imagens anteriormente mostradas podem ter relação.

Expectativas de aprendizagem: Instigar o interesse e curiosidade pela leitura da literatura dos indígenas.

TEMPO ESTIMADO: 15 minutos

3º momento: Trabalhar em sala de aula duas crônicas do autor. “É índio ou não é Índio” (imagem 3) e “O que fazer com os mosquitos?” (imagem 4). A primeira crônica a ser trabalhada com os alunos será a “É índio ou não é Índio”. Ao receberem as crônicas os alunos farão a leitura silenciosa. Após esse momento, o professor solicitará a leitura coletiva e ao final irá provocar indagações, como por exemplo; Se gostaram da história? Se a conversa das duas mulheres incomodou o narrador? O que eles teriam feito no lugar do narrador, diante da dúvida das mulheres? Concluído esse momento, apresentar a segunda crônica “O que fazer com os mosquitos?”. A metodologia usada será a mesma da primeira crônica trabalhada. Os alunos receberão as crônicas e farão a leitura silenciosa. Após esse momento, o professor solicitará a leitura coletiva e ao final irá provocar indagações, como por exemplo; Quando o assunto era o indígena, quais as informações que as pessoas apresentavam? Por que o narrador ficava constantemente constrangido? O que eles pensam a respeito disso? Por que o autor respondeu zangado à pergunta? Como eles responderiam à pergunta feita pela professora?

Expectativas de aprendizagem: Desenvolver empatia e tolerância ao explorar as experiências e perspectivas dos povos indígenas, promovendo a compreensão e a empatia em relação a diferentes culturas e crenças.

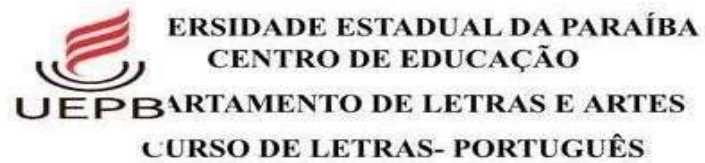
TEMPO ESTIMADO: 20 minutos.

4º momento: Trabalhar a interpretação. Com o texto em mãos, os alunos serão indagados a responderem questões como: O que acharam dos textos; se acharam longo, se os textos tem algo em comum; quem é o narrador; o que compreenderam com as leituras das crônicas e se após as leituras dos textos eles ainda consideram o indígena como algo que não evoluiu. Feito isso, solicitar que os alunos desmistifiquem a visão etnocêntrica do indígena antes apresentada por eles, através de com palavras / desenhos, e para isso, irão tomar como base as crônicas trabalhadas em sala de aula do autor Daniel Munduruku.

Expectativas de aprendizagem: Desenvolver a ruptura dos estereótipos a respeito da imagem do indígena.

TEMPO ESTIMADO: 45 minutos.

ANEXO 4 – Diagnóstico



Ao contrário da crença popular e do que os livros didáticos relataram por muito tempo, a descoberta do Brasil não se deu por meio dos portugueses. Antes da invasão dos europeus no final do século XV, os povos indígenas já estavam presentes no território brasileiro. Diante disto, não considerá-los como habitantes originários do país é como negar a sua importância para a existência e formação da cultura e da identidade nacional brasileira. Com base em seus conhecimentos, estudos ou experiências, descreva com palavras ou desenho qual a sua visão do que é ser “Índio”.